

UDR força Igreja a proibir a rádio para seringueiros

O bispo da Diocese de Cruzeiro do Sul, dom Luis Herbst, proibiu as mensagens na rádio da igreja local, Verdes Florestas. A decisão foi tomada sob pressão do representante da UDR e Associação Comercial do Município, Orlião Camelli, para enfraquecer o movimento dos seringueiros que criaram no rio Tejo, afluente do Alto Juruá, uma Reserva Extrativista a três horas de barco da cidade.

O veto proíbe ainda entrevistas na rádio da Diocese com membros do Conselho Nacional de Seringueiros e da entidade ecológica de Cruzeiro do Sul, Amazônia Verde Vida, que apoiam o movimento dos seringueiros. Desde outubro, em reunião com mil seringueiros e índios do Samambaia Clube, ficou decidido que os seringueiros do município não mais pagarão a renda de 60 a 90 Kg por ano.

A antropóloga Mary Alegretti, presidente do Instituto de Estudos da Amazônia, disse que a reação dos patrões seringueiristas em Cruzeiro do Sul tem sido violenta para manter um sistema arcaico de cobrança de renda, abolido em áreas de reservas extrativistas. O tesoureiro do Conselho Nacional de Seringueiros, Raimundo Barros, afirmou que o bispo de Cruzeiro do Sul, dom Luis Herbst, é super-conservador, e cedeu à pressão dos patrões.

Raimundo Barros informou, com base em dados do assessor do Conselho Nacional de Seringueiros em Cruzeiro do Sul, Antônio Luiz Batista de Macedo, que a Reserva Extrativista do Tejo inclui os seringueiros Foz do Tejo, Iracema, Horizonte, Bagé, Fortaleza,

Marañuape, Dourados (ou São Francisco), Restauração, Machadinho e Boa Hora. A área fica no Alto Juruá, de 3 a 6 dias de barco de Cruzeiro do Sul, e possui cerca de 430.000 hectares de seringueis contínuos e unificados.

O assessor voluntário do CSN, antropólogo Mauro Almeida, que por 14 meses de setembro de 82 a novembro de 83 realizou uma pesquisa de campo na região dos seringueis do rio Tejo, trabalha numa tese de doutoramento na Universidade de Cambridge, Inglaterra, sobre "Processo de Trabalho e Reprodução Social na Amazônia". Para ele, a imagem comum de que os seringueiros do Juruá não defendiam os seus direitos, como os de Xapuri, é falsa. "O que faltava nos seringueis tradicionais do Juruá era organização e apoio. Viviam como escravos, sempre dependendo do patrão, impotentes, mas mesmo sozinhos reagiam".

Mauro Almeida informa que há notícias de resistência nas áreas tradicionais do extrativismo no Juruá desde os anos 50, com a ocorrência de greves por descumprimento de 30% nas contas do barracão, ou perdão da dívida de seringueiros doentes. Em 81, a briga começou para não pagar mais a renda, quando a firma Consumar, de São Paulo, com o nome Sãntia Agropastoril Ltda comprou em 80-81 os seringueis do rio Tejo. Em 86 cresceu a organização, que é baseada nos delegados sindicais, e houve greve no seringueal para expulsar a Polícia colocada a serviço do patrão.

Mas foi com a primeira reunião do Conselho Nacional de Seringueiros em 87, que o

movimento ganhou força. O seringueiro Francisco Barbosa de Melo, conhecido como Chico Giú é o Chico Mendes do Juruá. Ele nasceu e se criou no seringueal Restauração, na Reserva Extrativista do Tejo, neto de índia Chauañua. De delegado sindical, passou a líder da resistência aos patrões, Giú recusou vender a sua honra aos patrões, como fez o ex-presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cruzeiro do Sul, Pedro Teles, que assumiu o Sindicato Patronal, traíndo a sua origem.

Em julho foi feito o projeto de criação da Reserva Extrativista do rio Tejo, com a participação dos seringueiros, financiado com NCz\$ 70 mil para a construção de um barracão e apoio à cooperativa. Os seringueiros do rio Tejo produzem em média 2 a 3 toneladas por ano, e os seringueis da região são dos mais produtivos, com 1.200 toneladas/ano. Moram naquela área cerca de 5 mil seringueiros, hoje, a metade dos que viviam ali há 20 anos.

Antônio Macedo já foi ameaçado de agressões pelos patrões, que através da Associação Comercial ameaçam boicotar a cooperativa da reserva extrativista. "Mas os seringueiros estão decididos. Eles consideram que no rio Tejo já existe Reserva Extrativista, que vai funcionar sem os patrões. Para isso é que vão implantar a cooperativa, com gerentes preparados no treinamento ocorrido em janeiro", informa o assessor Mauro Almeida. Com os recursos do BND/INSOCIAL, os seringueiros vão fazer o galpão, varadouros e adquirir mercadorias.